

## IV Bienal de São Paulo

### Primeiro lote de pintores nacionais

A pintura do contingente brasileiro no Ibirapuera, conquanto felizmente não apresente aquela congestão de linhas e cores das exposições coletivas do tipo COMPARAÇÕES e REALIDADES NOVAS; isto é, conquanto não seja um conjunto de mediocridades imitativas de todos os ismos, e possa de certo modo ter um nível bom, está muito exigua como quantidade complexa e não atinge uma modernidade ortodoxa, já que lhe falta a modalidade tão em voga, já alhures, do tachismo. Não sendo quase mais figurativa, é muito abstrata e mormente concretista, quando hoje em dia interessa mais como pesquisa e realização o tachismo.

E constituída por trinta artistas com sessenta e seis unidades apenas!

Dividiremos o nosso estudo em dois artigos devido à carencia de espaço.

Hermelindo Flaminghi apresenta dois esmaltes sobre nórdex, com o nome generico de Alternados. Há um efeito otico de trabeculas pulsateis vivificando essa produção dum grande artesanato estribado em

minimas, dentro quase da linha de divertissements de Maria Leontina. Suas telas prenunciam uma artista de breve desenvolvimento exato pela sensibilidade e apuro.

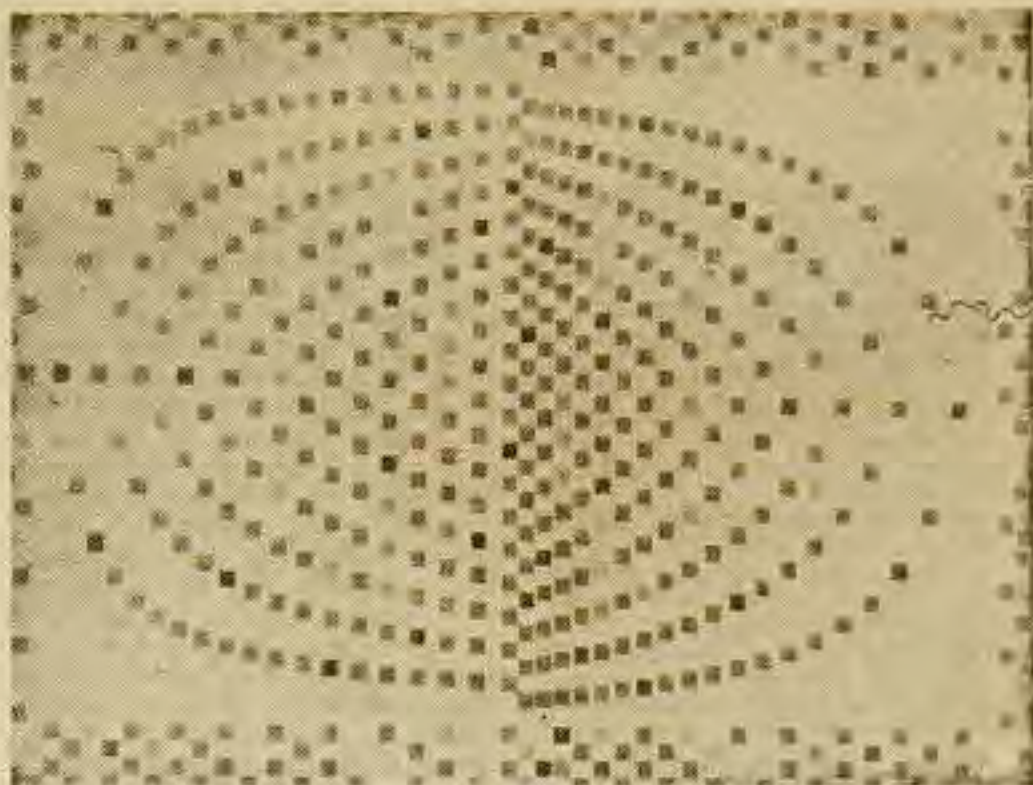
Almir da Silva Mavignier é um temperamento poético de exteriorização impressionista de cores sutis e de ritmos doces; suas formas plasticas fragmentam-se em poalha delicada, diáfana. Ione Saldanha compõe mais em superficie do que em profundidade, criando areas equilibradas onde um gosto apurado justapõe cromatismos de

José GERALDO VIEIRA

única o abstrato e o objetivo com uma sensibilidade austera de categoria sui generis.

O mesmo se poderá dizer de José Fabio Barbosa da Silva, em sua elaboração de oposições e variações sobre a diagonal. Voltado mais para a pesquisa e a solução, dentro duma disciplina escolastica, consegue a consequencia estetica de contrapontos ponderados e conscientes.

Ivan Ferreira da Silva, um dos nossos artistas de maior capacitação na sua pauta de experiencias graficas, plasticas, contrapuntísticas e esteticas, com um artesanato brloso, apresenta quatro telas que são pontos altos não só no contingente brasileiro como em geral do certame. Desta vez empenhou-se em apresentar ao critico e ao publico, uma elaboração de efeitos cromáticos suavísimos, distribuidos com um bom gosto apurado,



Ivan Ferreira Serpa

Leopoldo Raimo, com suas três modalidades cineticas de Composição, alcança na atual fase de sua pintura de cores discretas efeitos giratorios de fragmentação de triangulos no ar, como visualizando cataclismos cósmicos. Pintor de elaboração centrífuga nos motivos e temarios, joga com possibilidades dentro da abstração, essa modalidade de eurística tão limitada. Consegue isso pela identificação grafica e plastica dos materiais de utilização.

Ernani Mendes de Vasconcelos tem uma unidade a objetivar seu processo, faltando-nos assim elementos de comparação para deduzir do seu empreendimento. Trata-se duma Composição com boas qualidades e evidente consciencia artesanal.

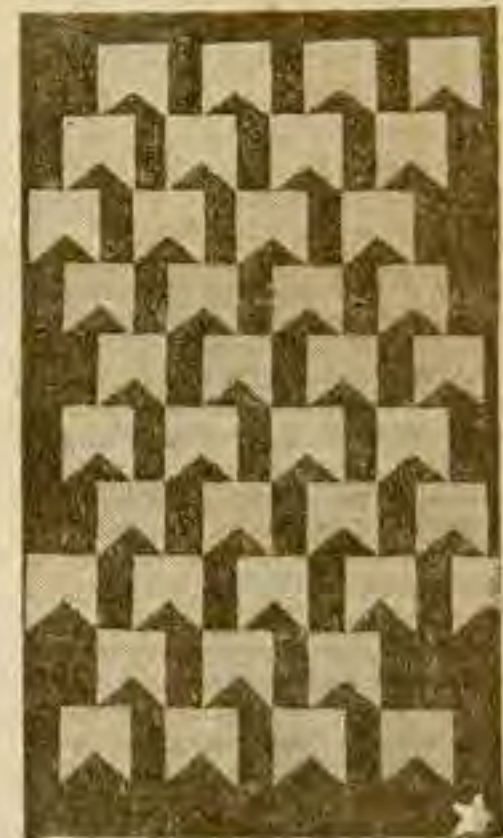
Dos figurativos, que são poucos, temos que tratar de Teresa Nicolau, Frans Krajcberg, Paulo Rissone e Elisa Martins da Silveira.

Teresa Nicolau trata dos temas das favelas que é também a especialidade episódica do gravador Rossini Quintas Perez. Usa um sistema pictórico expressionista, de relevo quase espatulado, algo novo entre nós. Isso, sobre madeira compensada, cria uma crosta cujo micro-geografia precisa ser vista de perto. Paulo Rissone, ora em elaborações graficas e metafísicas de De Chirico e ora em sugestões plasticas de noites enluaradas em orlas de rios e fortalezas, é um figurativo de excelente materia. Elisa Martins da Silveira, com seus temas ingenuos ou primitivos, é uma descritiva minuciosa, onde figuras humanas estão sempre em cenários vegetais de jardins, varandas e pergolas. Canudos é um óleo de interesse folclórico e ecológico, sua interpretação modesta e ao mesmo tempo aguda do mito-realidade de Antonio Conselheiro. Elaborada como está, parece uma tapeçaria. Esperando é outra tela de intimismo burguês e lirico, com sabor de arrabalde. A tela, O CIRCO, deve e pode ser comparada à tela do primitivo insólito Aristide Caillaud, do contingente francês.

Flavio Shiro Tanaka é um expressionista de tendencia tachista sem temario visualizado, tem cores mais sensíveis do que Teresa Nicolau e certa dose barbara, interessante, de tratamento muito temperamental.

Quanto a Frans Krajcberg, que tirou o primeiro premio de Pintura do contingente nacional, é um tecnico do grafismo que opera dentro de labi-

rintos florais noturnos. Quando lhe vimos trabalhos pela primeira vez em maio de 1956, disse comigo: "Será um cartomista para tapeçarias, com estes motivos ornamentais inspirados na flora brasileira?" Pois aquelas folhas de begônias, aquelas palmas, aquelas orlas de floresta dilucular, segundo anotel em artigo oportuno, evidenciavam uma aven-



Alfredo Volpi "Bandeirolas de São João"

tura linear compacta e muito entrelaçada, com ambiências tropicais, pormenores da fauna amazônica, recessos de floresta e tufo de barrancos. Mas, como que envergonhado dessa maestria que poderia levá-lo outra vez ao surrealismo, com que estreou, Frans Krajcberg abate sobre tudo isso uma atmosfera que ora é de ante-manhã ora é de pre-noite. Assim, certas telas são iluminadas por fluorescências amarelas e cor de gema, lembrando auroras com um sol ainda invisível. E certos outros trabalhos são mergulhados em penumbra ou mesmo em noites, existindo poeticamente em função duma aurea ao mesmo tempo de genesis e de tempo cósmico.

Quando lhe examinei os trabalhos no velho palácio da rua das laranjeiras, como membro do júri de seleção da IV Bienal, prognostiquei-lhe verbalmente a viabilidade do premio que ele agora acaba de ganhar, muito embora eu supusesse que Ivan Ferreira Serpa estivesse mais capacitado vanguardisticamente para essa laurea. Meu prognostico deu certo.

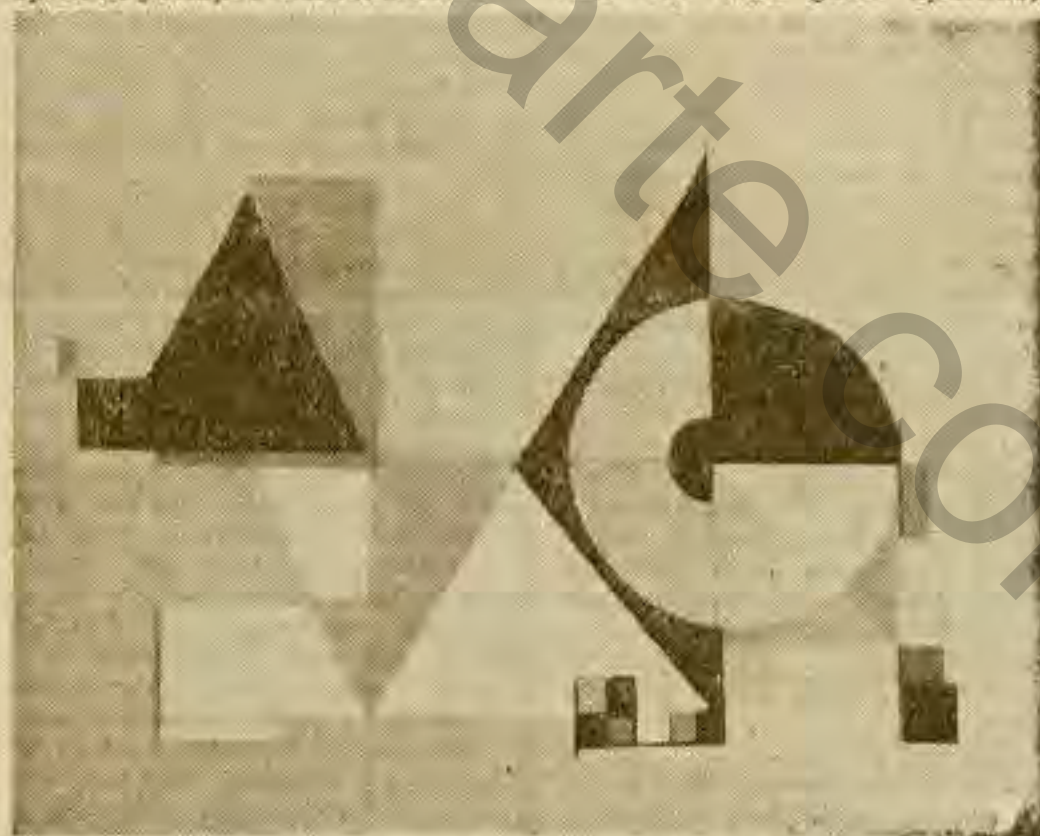


Frans Krajcberg. Tela premiada com o Primeiro Premio de Pintura Nacional na IV Bienal de São Paulo.

sensível estetica concretizante. Samson Flexor, após sua viagem aos Estados Unidos, alterou um tanto seu processo. Suas diagonais transitivas atravessando zonas claras duma especie de equinoxio, têm qualquer coisa de místico e ao mesmo tempo de temporal, de maneira a, pela limpeza da superficie e contingencia de efeitos, sugerir ora um vitral ora uma faixa cósmica.

Clara Heteny apresenta uma temporada sobre duratex. Contraponto, cinematica e fibrilação é o resultado, não obstante a disciplina estoica do tratamento dessa unidade com o nome didrico de Leque. Emerio Lanyi e Elide Monzeglio são artistas situados entre a abstração e o concretismo, pela maneira com que constroem planos em processo diverso da elaboração extrovertida e centrífuga de Raimundo Nogueira. Os dois primeiros organizam planos e contrapontos estaticos, ao passo que Raimundo Nogueira joga para a periferia suas cores divergentes, seus mosaicos kandinskyanos. Helio Oiticica está numa linha de abstração cromatica em superficie, com planos que se conjugam como os de Sonia Delaunay e Herbin.

Leyla Perrone, de geração muito nova, prepara fundos excelentes de abstração tranquila onde inscreve formas bibliomorfas com cores muito fe-



Maria Leontina, "Narrativa I"

intenção definida e logica. Luis Sacilotto, de quem desejaríamos ver material, por exemplo, analogo ao que expôs recentemente na exposição coletiva do Museu de Arte Moderna de São Paulo, apresenta, apenas uma peça de geometria tipo diafragma, que nada tem que ver com o titulo Concreção. Sua ultima modalidade, de excelente artesanato, em óleo sobre alumínio, o qualifica entre os grandes valores do seu grupo experimental.

Maria Leontina oferece ao espectador três Narrativas com dicção excelente de construtivismo, cores e ritmos. Organiza-as como formas pueris, quase kleeanas, em esquemas microscopicos de triangulos e esferas, onde as cores formam latitudes e paralelos. Uma geografia otimistica de quermesse, de quase discipula do Bauhaus.

Mauricio Nogueira Lima é um dos grandes elementos da seção de pintura da IV Bienal. Sua cosmogonia linear e a óleo sobre eucatex é um reino de filosofia algebrica, de esquemas excelentes, sem começo nem fim. Poeta e geometra, concilia numa identificação

como se poalhas de minerais cristalizassem em alvas superficies de hemisferios. Verdadeiros mapas de periplos a regiões do sonho, duma beleza liturgica, como se fossem closeup de jóias bizantinas dalguma coroa ou dalgum manto. E isso com um estoicismo raro, sem facundia, dentro apenas do comedimento duma sensível autocrítica de quem já atingiu uma maturidade artesanal estetica invulgar entre nós.

**DA COMIDA**

De Oskl

— Não, venenosos não são...  
O que acontece é que morrem!...